



# Israel avança para ocupar o sul do Líbano

Forças do Estado judeu mantêm bombardeios a Beirute e a outras cidades, enquanto preparam o controle de uma faixa de 30km da fronteira até o Rio Litani. Objetivo é criar uma zona de contenção de disparos de foguetes pelo Hezbollah

» RODRIGO CRAVEIRO

Em uma reedição da intervenção durante a guerra civil libanesa (1975-1982), as Forças de Defesa de Israel (IDF) anunciaram que passarão a controlar uma ampla zona de “segurança” no sul do Líbano — uma faixa territorial de cerca de 30km entre a fronteira e o Rio Litani. Ao mesmo tempo, o Exército judeu manterá os bombardeios em Beirute e em outras regiões do Líbano. “A política de Israel no Líbano é clara: há terror e mísseis — não há casas nem moradores. As IDF controlarão a zona de segurança até o Rio Litani”, escreveu Israel Katz, ministro da Defesa israelense, em seu perfil na rede social X.

O titular da Defesa do gabinete do premiê Benjamin Netanyahu reconheceu que “centenas de milhares de moradores do sul do Líbano que foram evacuados para o norte não voltarão ao sul do Litani enquanto a segurança dos habitantes do norte de Israel não estiver garantida”. Antes do anúncio, na noite de segunda-feira, foguetes disparados por combatentes do movimento fundamentalista xiita Hezbollah mataram uma mulher e feriram outras duas pessoas, no norte do território israelense. Desde 2 de março, quando Israel começou a atacar o Líbano, 1.072 pessoas morreram na guerra, incluindo 121 crianças, e mais de 1 milhão tiveram que fugir de suas casas.

Nadim Houry, diretor executivo da Iniciativa de Reforma Árabe (rede de institutos independentes de pesquisa e política árabes), disse que Israel repete um trágico erro



Gato caminha em meio a destroços de área bombardeada, no subúrbio de Haret Hreik, suposto bastião do Hezbollah, no sul de Beirute

histórico. “Eles (israelenses) acreditam que a força brutal, o controle territorial e a ocupação podem produzir paz duradoura na fronteira norte. As autoridades de Israel falam abertamente sobre controlar o território libanês até o Rio

Litani como uma ‘zona de segurança’, e outras mencionam a possibilidade de ocupar partes do Líbano”, afirmou ao **Correio**.

Segundo Houry, a história demonstra que tal abordagem só leva a mais conflitos. “Em 1982, Israel

obteve sucessos militares contra a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), mas aquela guerra contribuiu para criar as condições para a ascensão do Hezbollah. Ganhos táticos produziram fracassos estratégicos”, disse. Segundo ele, a

resposta de longo prazo para uma fronteira pacífica nunca foi ocupação ou zonas de segurança. “É preciso um Estado libanês forte, capaz de monopolizar a força. Uma nova ocupação só levará a novas formas de resistência armada.”

Questionado sobre as chances de sucesso da estratégia israelense, o diretor da Iniciativa de Reforma Árabe vê dois cenários. “Se o objetivo for a destruição tática, o deslocamento e o controle territorial temporário no Líbano, Israel pode infligir grave dano. Se o sucesso significa criar uma segurança sustentável e remover o Hezbollah como força política e militar, as chances são bem menores.” Houry lembrou que o Hezbollah não é o mesmo de duas décadas atrás: perdeu líderes e está isolado. “Mas seus combatentes estão motivados e conhecem o terreno. É ingenuidade pensar que Israel pode ocupar o sul do Líbano e impor uma nova ordem.”

## Pré-requisitos

Habib Malik, professor aposentado de história da Universidade Libanesa Americana (em Beirute), concorda que Israel deseja obter uma segurança duradoura em sua fronteira norte. “A ocupação do sul até o Rio Litani, ou até mesmo mais ao norte, e o esvaziamento da região de seus habitantes xiitas — o berço do Hezbollah — são pré-requisitos para tal segurança”, afirmou ao **Correio**.

Para Malik, Israel deve completar a destruição do Hezbollah em solo antes de negociar com o Líbano. “A maioria dos libaneses se opõe ao Hezbollah e quer que o movimento eventualmente assinasse um acordo de paz com Israel. No entanto, eles percebem o quão fraco e ineficiente é o seu governo e o quanto o exército está paralisado para confrontar o Hezbollah e confiscar suas armas”, disse.

## Trump diz que negocia, mas segue ataques

O presidente Donald Trump reafirmou que segue “fluidas” as conversações dos EUA com “pessoas confiáveis” no Irã para encontrar uma saída da guerra iniciada em 28 de fevereiro, com uma ofensiva conjunta americana e israelense contra a República Islâmica. “Estamos negociando neste momento”, afirmou. Trump mencionou “um presente muito grande” que teria sido oferecido pelos interlocutores em Teerã, “uma soma de dinheiro muito grande” envolvendo petróleo e gás. O lado iraniano não comentou as declarações, mas seguiu a troca de ataques de mísseis e drones com Israel, cujo

governo afirmou que seguirá combatendo mesmo que os EUA cheguem a acordo com Teerã.

No terreno de combate, um míssil iraniano deixou ontem nove feridos em Tel Aviv, segunda maior cidade de Israel e capital reconhecida por quase toda a comunidade internacional — inclusive o Brasil. O Exército israelense, por sua vez, lançou “uma série de bombardeios em larga escala em várias regiões do Irã”, inclusive em Isfahan. De acordo com a agência iraniana de notícias Fars, foi atingida também uma usina de tratamento do gasoduto de Khorramshar, no sudoeste do país.

Falando à imprensa na Casa Branca, Trump reafirmou que seu governo estaria conversando com “as pessoas certas” no Irã, e que elas estariam “querendo muito fazer um acordo” com os EUA, incluindo a promessa de que “nunca vão ter uma arma nuclear”. Sem citar as contrapartes, disse que, pelo lado americano, estariam em cena o vice-presidente, JD Vance; o secretário de Estado, Marco Rubio; e os enviados especiais Jared Kushner. Depois de mencionar o “grande presente” que teria sido oferecido aos EUA pelos iranianos, repetiu o tom dos últimos dias e anunciou que “essa guerra está ganha”.

As idas e vindas do presidente colocam incerteza sobre os rumos para uma eventual saída do conflito. Na segunda-feira, Trump adiou por cinco dias o ultimato que tinha feito a Teerã para que liberasse o tráfego naval pelo Estreito de Ormuz, sob pena de sofrer um “ataque maciço” a suas centrais elétricas. A porta-voz Karoline Leavitt reforçou que a Casa Branca segue explorando “novas opções” diplomáticas.

O Irã, até aqui, desmente que venha mantendo qualquer tipo de conversações, mas observadores do cenário no Oriente Médio acreditam, que os emissários de Trump tenham estabelecido algum nível



Socorristas buscam feridos em prédio atingido por míssil iraniano em Tel Aviv

de diálogo indireto com o concurso de países da região. O premiê do Paquistão, Shehbaz Sharif, manifestou disposição para hospedar

negociações diretas, e seu governo teria recebido dos EUA uma proposta de paz com 15 pontos, segundo o jornal *The New York Times*.

## ARGENTINA

## Protesto desafia Javier Milei

Em desafio ao governo do presidente Javier Milei, dezenas de milhares de argentinos marcharam pelo centro de Buenos Aires para lembrar os 50 anos do golpe militar liderado pelo general Jorge Videla. Durante os sete anos em que vigorou, o regime reprimiu a oposição, deixando um saldo de 30 mil mortos ou desaparecidos. Milei, como faz a cada ano desde que assumiu a Casa Rodada, difundiu um vídeo minimizando o trauma, no qual uma órfã de militantes assassinados em centros de tortura defende que “o passado seja deixado em paz”.

Sob o lema “Nunca mais”, que marcou gerações, a manifestação se estendeu a por ao menos 1km entre a Praça de Maio, que abriga a sede do governo, e o obelisco da Avenida 9 de Julho. As ruas adjacentes foram completamente tomadas pelos participantes. A multidão desfilou coberta por uma faixa que exibia as fotos de mortos e desaparecidos da ditadura — que o governo sustenta que seriam “menos de 9 mil”. Outros cartazes diziam “ainda estamos te procurando”, em menção a uma vítima do regime, ou “não nos venceram”.

Valeria Coronel, professora de 43 anos, levava pela mão a filha de 8 anos. “A memória se transmite de geração em geração, para que a luta continue”, disse à agência de notícias France-Presse. “É a herança que quero deixar para ela.” As Mães e Avós da Praça de Maio lideravam a marcha, dando continuidade a uma tradição iniciada durante a ditadura, quando começaram a se reunir para exigir informações sobre seus filhos e netos.

No vídeo, a Casa Rosada denunciava o que classifica como “uma visão enviesada e revanchista” pela qual a

história recente do país seria tratada “por parte da esquerda” — mencionando o kirchnerismo, corrente do peronismo associada ao falecido ex-presidente Néstor Kirchner e sua mulher, também ex-presidente. Cristina Kirchner, em prisão domiciliar por escândalos de corrupção atribuídos ao seu governo, saiu à varanda do apartamento onde mora para saudar os manifestantes.

O cientista político Iván Schuliaker, da Universidade Nacional San Martín, acredita que “algo do pacto democrático se quebrou” com



o governo de Milei. Até então, com maior ou menor ênfase, os governos eleitos desde 1983 foram unânimes na condenação dos crimes cometidos sob a ditadura militar. O acadêmico

acredita, porém, que “a condenação à ditadura, ao plano sistemático de perseguição, tortura e desaparecimento ainda se mantém forte na maior parte da população argentina”.